



SEÇÃO: RESENHA

Sobre as forças moventes das cidades musicais: um debate crítico*About musical cities' moving forces: a critical debate**Sobre las fuerzas móviles de las ciudades musicales: un debate crítico***Jorge Cardoso Filho¹**orcid.org/0000-0002-4276-934X
cardosofilho.jorge@gmail.com

Recebido em: 28 dez. 2023.

Aprovado em: 20 abr. 2024.

Publicado em: 22 jul. 2024.

Resumo: Em *A Força Movente da Música* (2023), Micael Herschmann e Cintia SanMartin Fernandes apresentam um mapeamento da cultura musical de quatro diferentes cidades do estado do Rio de Janeiro, a partir do que denominam "cartografia sensível". Buscamos apontar as características dessa contribuição e possíveis articulações com outras pesquisas no campo das metodologias cartográficas e da sensibilidade em circulação no campo da Comunicação.

Palavras-chave: música; cartografia; sensibilidade.

Abstract: In *A Força Movente da Música* (2023), Micael Herschmann and Cintia SanMartin Fernandes present a mapping of the musical culture of four different cities in the state of Rio de Janeiro, based on what they call "sensitive cartography". We seek to point out the characteristics of this contribution and possible connections with other research in the field of cartographic methodologies and sensitivity in circulation in the field of Communication.

Keywords: music; cartography; sensitivity.

Resumen: En *A Força Movente da Música* (2023), Micael Herschmann y Cintia SanMartin Fernandes presentan un mapeo de la cultura musical de cuatro ciudades diferentes del estado de Rio de Janeiro, a partir de lo que llaman "cartografía sensible". Buscamos señalar las características de este aporte y posibles conexiones con otras investigaciones en el campo de las metodologías cartográficas y la sensibilidad en circulación en el campo de la Comunicación.

Palabras clave: música; cartografía; sensibilidad.

O estudo sobre as variadas cenas musicais, no Brasil, vem sendo realizado há mais de 20 anos no campo da Comunicação, em boa medida como consequência da disseminação das pesquisas realizadas por Will Straw (1991, 2001, 2006) e do interesse da comunidade de pesquisadores e pesquisadoras nos fenômenos da cultura *pop* – que se consolidam no Brasil da década de 1990, ainda antes da popularização da internet. Se nos âmbitos das tradições de investigação da Antropologia Cultural, da História ou da Sociologia Urbana já se observava uma sistematização da reflexão sobre o samba, os bailes *black* ou a *soul music*, por exemplo, o campo da Comunicação dava seus primeiros passos na reflexão sobre esse importante braço da indústria cultural nacional. *O Funk e o Hip-Hop invadem a cena* (2000), de Micael Herschmann, é um dos livros que tem o mérito de colocar a própria tessitura urbana na relação com os



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Salvador, BA, Brasil.

aparatos midiáticos como foco do debate sobre a emergência desses dois gêneros musicais na vida cotidiana de brasileiros e brasileiras. Tomando como mote a cidade do Rio de Janeiro, Micael estabeleceu um ponto de partida para que o campo da Comunicação se debruçasse sobre os estudos das cenas musicais e suas dinâmicas particulares.

Em período similar, mais especificamente em 1998, na cidade de Salvador, o Movimento de Intercâmbio Artístico e Cultural pela Cidadania (MIAC) realizou seu primeiro festival no teatro Vila Velha. O evento apresentou espetáculos de teatro, dança, música e poesia e proporcionou oficinas de arte para a cidadania, artes visuais, com foco e ação voltados ao público jovem e adolescente. O MIAC contou com uma rede formada por diversas organizações da sociedade civil (ONG'S, Fóruns, Coletivos etc.) e promoveu, em muitos aspectos, discussões sobre ativismo urbano, por meio da arte. Esta experiência se repetiu até 2001 em Salvador e foi objeto de estudo de Cintia SanMartin Fernandes, apresentado no livro *Sociabilidade, Comunicação e Política* (2009), no qual estabelece as primeiras conexões entre os estudos de estética e política.

Este *A força movente da música* (2023) não é o primeiro livro escrito pela dupla. Desde o *Músicas nas Ruas do Rio de Janeiro* (2014), passando por *Cidades Musicais* (2018) e *A(r)tivismos urbanos* (2022), eles têm expressado esforços, durante os últimos anos, em oferecer resultados de estudos articulando dois grupos de pesquisa: Comunicação, Arte e Cidade (CAC) na UERJ e Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (NEPCOM) na UFRJ. Estes trabalhos são conduzidos tendo a ideia de cartografia como elemento central, mas não uma cartografia no sentido estrito do termo. Trata-se de uma cartografia sensível, que considera ambiências das cidades, seus espaços nas relações que estabelecem com a música e na economia que faz circular. Essas ambiências/atmosferas particulares de cada cidade – pensadas como as *Stimmungen* (Gumbrecht, 2014) não se deixam apreender por meio das leituras e/ou metodologias hermenêuticas clássicas, mas

demandam um grau de abertura para as forças criativas que perpassam as ações dos variados sujeitos que se envolvem nas cenas musicais. Nesse sentido, destacamos o principal objetivo da pesquisa que origina o livro:

Nosso intento foi o de rastrear os atores, acompanhando as controvérsias e construindo cartografias que permitissem compreender as cidades não só pela ótica da funcionalidade, da aceleração, da impessoalidade, dos riscos e do medo, mas também como localidades marcadas por encontros, sociabilidades, afetividades e experiências de desaceleração (Herschmann; Fernandes, 2023, p. 12).

A cartografia do sensível, como proposta metodológica levada a cabo por Herschmann e Fernandes (2023), nos leva a pensar nos esforços de Sueli Rolnik (2016), que nos aponta a necessidade de “dar língua para os afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2016, p. 23). Isto é, tornar os afetos comunicáveis e partilháveis. É, além disso, pensar os engajamentos afetivos atravessados por forças de atração e repulsão, e por linhas de fuga que emergem deste comum. Deleuze e Guatarri apontam, sobre esse aspecto, que “[...] escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 11-12).

O mundo sensível do qual estamos falando aqui não corresponde ao individual nem ao mundo totalmente exterior que nos chega pela percepção, mas sim aos ambientes por meio dos quais objetos e corpos se relacionam. O mundo sensível é o domínio da experiência e da interação entre esses diversos corpos e corpóreas, inclusive das interações emergentes que buscam alternativas aos modelos de interação já estabilizadas. Como se busca apontar há alguns anos, a articulação entre o estudo do sensível aos estudos da dimensão mais consolidados na hermenêutica nos permite questionar “matrizes comunicacionais de sensibilidades hegemônicas em seus respectivos contextos” (Cardoso Filho, 2016, p. 13).

É por esse motivo que destacamos a importância das incorporações das proposições de Donna Haraway, Moulier-Boutang e Didi-Hu-

bermann como inspirações para o estudo das quatro cidades escolhidas por Herschmann e Fernandes para refletir sobre as forças moventes que a música proporciona, a saber: Rio de Janeiro, Paraty, Conservatória e Rio das Ostras. Por meio desses estudos empíricos, os autores equilibram a descrição das ações dos atores, interpretações dos sentidos atribuídos a tais ações e o modo como essas experiências reorganizam a dinâmica sensível das cidades nas quais estão envolvidas.

Vale sublinhar que, em conversas formais e informais que tivemos com os atores nas cidades pesquisadas, quase sempre foi destacada por eles – em seus discursos – a aptidão das músicas em criar atmosferas e ambiências sedutoras e envolventes, isto é, a capacidade de ressignificar positivamente a experiência urbana, mesmo em contextos de ampliação da repressão do Estado e de crescimento da violência nas cidades. Ao mesmo tempo, sublinham a importância das “performances” (Taylor, 2013) musicais, como forma de transmitir conhecimentos associados direta e indiretamente às culturas de minorias da urbe. Pode-se dizer que essas experiências musicais pesquisadas vêm produzindo experiências potentes de imersão sonora, as quais veiculam mensagens relevantes e políticas que constroem um imaginário e, de certa maneira, outro mundo possível no cotidiano dessas cidades (Herschmann; Fernandes, 2023, p. 15).

Nesse sentido, destacamos que o estudo proposto no livro ganha muito ao se relacionar com as imagens dos espaços, shows e personagens do *site*² (também fruto da pesquisa que dá origem ao livro) concedendo uma dimensão tridimensional ao estudo pois, a rigor, mais do que ler a respeito das práticas e atividades naquelas diversas cidades, é possível ter uma amostra muito generosa dos depoimentos, *shows*, espaços e músicos que fazem parte do cotidiano de cada local. Assim, a investigação é importante não apenas para o público acadêmico, mas é também para o campo das políticas de cultura e para os próprios atores dessas cidades repensarem ações

Dinâmicas musicais nas/das cidades

A *Força Movente da Música* está dividido em seis capítulos, sendo o primeiro deles de natureza

introdutória ao tema da pesquisa realizada. Nele, os autores destacam importantes aspectos que entrelaçam as políticas culturais públicas com as próprias dinâmicas da produção musical nas cidades – como a tendência à produção de megaeventos, gentrificação de bairros e espaços de produção cultural intensa etc. Ao mesmo tempo, os dados produzidos e interpretados pela dupla nos mostram que não obstante o planejamento dos poderes públicos, as iniciativas das lideranças culturais nas cidades fazem emergir, mesmo que provisoriamente, vetores produtivos não programados/previstos na execução da política pública e que promovem as “movências” nas cidades. Assim, em um espaço inicialmente projetado para a circulação de turistas em grandes equipamentos culturais (como museus e oceanário), pode-se perceber a ocupação de calçadas e bares por integrantes de rodas de samba, nesse sentido, subvertendo “taticamente” aquele valor que a política pública tentava estrategicamente implementar. Essa é uma dinâmica que pode ser observada na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, foco do capítulo 2.

A cidade patrimônio histórico e natural de Paraty é o objeto central de atenção no capítulo 3, quando os pesquisadores apresentam a dinâmica de transformação desta vila – originalmente fundada em 1597 como Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty – em uma cidade criativa, de acordo com o selo da UNESCO, que mescla as tradições de festas religiosas coloniais com a organização de modernos festivais de literatura, gastronomia e música. Tratando-se de uma cidade de pequeno porte (40 mil habitantes), as interpretações produzidas contribuem de forma significativa para o estudo de cenas musicais fora das grandes metrópoles urbanas. Isso explica como as redes de agentes que atuam na emergência das atmosferas musicais não se relacionam somente com políticas de cultura, mas também com políticas ambientais e respeito à ancestralidade.

A ambiência nostálgica da cidade de Conser-

² Disponível em: cartografiasmusicais.com.br. Acesso em: 8 maio 2024.

vatória é o cerne do capítulo 4, no qual Fernandes e Herschmann nos apresentam o conjunto de expressões musicais reunidas sobre a rubrica "serenatas". A cidade, que fica a cerca de 150 km do Rio de Janeiro, no Vale do Café, possui um movimento seresteiro que pode ser pensado enquanto "ativismo urbano musical" e que faz emergir uma circulação particular de música, cujo principal valor é a dinâmica não profissional, em um circuito que envolve praças da cidade, hotéis, bares e restaurantes, além de distribuição em CD's e DVD's. Ao ser interpretado pelos autores, esse circuito se revela como sustentado por uma importante ação de política pública de Arranjo Produtivo Local de Entretenimento (APL), que possui apoio da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro).

Rio das Ostras é foco do capítulo 5 e nele Herschmann e Fernandes oferecem uma série de evidências que demonstram que a cidade-balneário não deve ser considerada uma "cidade-dormitório", mas uma cidade em trânsito. Ela recebe estudantes de variadas partes do estado do Rio de Janeiro, além de trabalhadores do campo da indústria petrolífera. A cidade teve o maior índice de crescimento populacional no estado (11% até 2010). Do mesmo modo, a existência de uma diversidade de equipamentos culturais públicos e de um circuito de festas e festivais que movimentam a cidade, permitem aos autores formularem uma interpretação que explica alguns dos *gaps* que inviabilizaram o reconhecimento de Rio das Ostras como uma cidade criativa pela UNESCO, a saber: falta de cultura associativista e de um ambiente plural e democrático.

Finalmente, o capítulo 6 organiza e sistematiza achados principais da cartografia sensível das quatro cidades e aponta, em tom resiliente, a importância de produzir reflexões sobre as dinâmicas das cidades na interseção dos estudos de políticas culturais e música. Afinal, trata-se de um livro cuja sistematização e revisões ocorreram durante a pandemia de COVID-19 no Brasil – no meio de um governo federal de extrema-direita, com projeto explícito de desmonte da cultura e da educação.

Por outras críticas culturais

É perceptível uma abordagem que considera a cultura como recurso, não como custo, e como geradora de potenciais emancipatórios. É nesse momento que observamos com maior nitidez como obras iniciais sobre o Funk, o Hip-Hop e o MIAC ainda reverberam na escrita sensível de Cintia e Micael. Não estamos lidando aqui com pesquisadores que vivem distantes dos seus problemas de pesquisa, mas com investigadores engajados com o campo cultural, suas dinâmicas e controvérsias, e que defendem esses princípios diariamente.

Assim, este livro não é somente a apresentação dos resultados de cinco anos de pesquisa acadêmica (2017-2022), mas é também uma proposta de reposicionamento frente ao papel da crítica cultural em uma sociedade em acentuado grau de desenvolvimento (assimétrico) do capitalismo cognitivo. Afinal, as articulações entre atores (humanos e não humanos) são sempre sujeitas às transformações e novas linhas de força operam no sentido de obter ganhos em uma lógica extrativista. Ao mesmo tempo, há também atores que operam buscando estabelecer outros valores e partilhas, reorganizando o campo do sensível na medida em que fazem emergir dissensos como a importância dos territórios, do meio ambiente e de uma consciência étnico-racial, por exemplo.

Essas outras críticas culturais, em minha opinião, tomam como cerne a necessidade de tornar os diversos cotidianos em materialidades capazes de partilha e, portanto, de redistribuição do sensível. Fica aqui uma contribuição possível aos estudos produzidos por Herschmann e Fernandes, a partir da obra de Jacques Rancière (1996). Incorporando o que o filósofo tem denominado de "partilha do sensível" seria possível estabelecer novos eixos na investigação estético-política que parece ser fundamental na trajetória dos colegas.

Referências

CARDOSO FILHO, Jorge. Uma matriz comunicacional da sensibilidade. In: DUARTE, E.; CARDOSO FILHO, J.; MENDONÇA, C. **Comunicação e Sensibilidade**: pistas metodológicas. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2016. p. 39-54.

DELEUZE, Giles; GUATARRI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

FERNANDES, Cintia. **Sociabilidade, comunicação e política**: a experiência estético-comunicativa da Rede MIAC na cidade de Salvador. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Atmosfera, ambiência, Stimmung**: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip-Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2016.

STRAW, Will. Dance Music. In: FRITH, S.; STRAW, W.; STREET, J. (ed.). **The Cambridge Companion to Pop and Rock**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 158-175.

STRAW, Will. Systems of articulation, logics of change: scenes and communities in popular music. **Cultural Studies**. [s. l.], v. 5, n. 3, p. 361-375, Oct. 1991.

STRAW, Will. Scenes and Sensibilities. **E-Compos**. [s. l.], n. 6, p. 1-16, ago. 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/83/83>. Acesso em: 24 nov. 2023.

Jorge Cardoso Filho

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil; com pós-doutorado pela Universidade de Bayreuth (UBT), em Bayreuth, Alemanha; mestre em Comunicação Cultural Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, BA, Brasil. Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em Cachoeira, BA, Brasil. Bolsista Produtividade em Pesquisa, PQ 1-E, CNPq.

Endereço para correspondência

JORGE CARDOSO FILHO

Av. Leovigildo Filgueiras 422, apto. 1003

Garcia, 40100-00

Salvador, BA, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do autor antes da publicação.